



Bibliotecas da UL: campus de pesquisa, espaços de encontro

Nota introdutória

O propósito deste estudo é realizar uma observação transversal às Bibliotecas da Universidade de Lisboa, a fim de contribuir para a reflexão e debate sobre o futuro das bibliotecas da UL. A ideia de realizar um “estado da arte” surge no âmbito da primeira Convenção de Funcionários da Universidade de Lisboa que assenta nas ideias de partilha, comunicação, conhecimento, interação e melhoria de práticas. Assim, a metodologia escolhida não poderia deixar de contar com a colaboração das várias bibliotecas da Universidade, através dos responsáveis em cada Unidade Orgânica. Dirigiu-se aos intervenientes uma curta entrevista guiada por questionário (Abril de 2012), bem como pequeno inquérito, de forma a agregar e uniformizar a recolha de informação. Foram contactadas, neste âmbito, as seguintes entidades, que responderam positivamente (100% de respostas):

Bibliotecas	Responsáveis
Serviços de Documentação da Universidade de Lisboa (ULSD); inclui Centro de Documentação Europeia (ULCDE) e Centro Jacques Delors	Maria Leal
Biblioteca da Faculdade de Belas Artes (ULFBA)	Licinia Santos
Biblioteca da Faculdade de Ciências (ULFC); inclui bibliotecas departamentais e Observatório Astronómico de Lisboa	Margarida Pino
Biblioteca da Faculdade de Direito (ULFD)	Sofia Soares
Biblioteca da Faculdade de Farmácia (ULFA)	Isabel Campos
Biblioteca da Faculdade de Letras (ULFL; inclui biblioteca Centro de Estudos Geográficos (ULCEG - IGOT))	Pedro Estácio
Biblioteca da Faculdade de Medicina (ULFM)	Emília Clamote
Biblioteca da Faculdade de Medicina Dentária (ULFMD)	Margarida Grão
Biblioteca da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação (ULFPIE)	Tatiana Sanches
Biblioteca do Instituto de Ciências Sociais (ICS)	Paula Costa
Biblioteca do Instituto Geofísico do Infante D. Luiz	Cristina Domingues
Bibliotecas dos Museus (ULMC, M.N.H.N, ULMMG)	Helena Saramago
Biblioteca do Instituto para a Investigação Interdisciplinar (ULCI)	Maria do Carmo Mateus

Algumas notas devem esclarecer este quadro. A primeira refere-se à responsável pelos Serviços de Documentação da UL (Reitoria), Dra. Maria Leal Vieira, que, no início deste trabalho, foi de grande apoio e esclarecimento, mas que, devido à aposentação entretanto ocorrida, delegou na equipa que assegura estes serviços a resposta ao inquérito. Assim a recolha dos dados teve por base entrevistas com Ana Cosmelli, António Manuel Freire, Margarida Batista e Marta Nogueira (SDUL). De mencionar ainda que o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT), possuindo biblioteca (com importantes e particulares documentos, nomeadamente uma mapoteca) está considerado na área da Biblioteca da Faculdade de Letras, uma vez que todo o seu espólio, bem como pessoal técnico, se encontra aí integrado. Referir também que não foram contempladas as bibliotecas quer do Instituto de Orientação Profissional (IOP), quer do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (IBCP) por estarem desativadas, ou seja, sem instalações próprias ou espólio disponível para acesso ao público. Por fim, explicar que as bibliotecas departamentais ou sub-bibliotecas existentes (nomeadamente na Faculdade de Ciências e nos Museus) são consideradas como fazendo parte da estrutura orgânica principal, por indicação dos entrevistados nestas unidades orgânicas.

Os dados que agora se apresentam e que servem de base à caracterização da situação atual das bibliotecas da UL referem-se a uma estrutura de análise que contempla: Estrutura e administração das bibliotecas; Desenvolvimento de Coleções; Serviços aos Utilizadores; Apoio



à Aprendizagem; Suporte à Investigação; Tecnologias e desenvolvimento; Instrumentos de medida e gestão; Programas e Projetos. Os dados estatísticos têm por base um quadro global de observação assente no trabalho técnico de todas as bibliotecas no movimento de frequentadores e utilizadores. Estes últimos dados, cuja extração esteve a cargo de António Manuel Freire, foram obtidos através do módulo de estatísticas do programa informático Aleph, que sustenta o Sistema Integrado das Bibliotecas da Universidade de Lisboa (SIBUL) e respeitam a 31 de Dezembro de 2011.

Como estamos? A situação atual das Bibliotecas da UL

Ao nível da Universidade de Lisboa foram desenvolvidos, com o impulso dos Serviços de Documentação da Reitoria, em particular na pessoa da Dra. Maria Leal, alguns estudos localizados acerca do funcionamento das bibliotecas da UL. O biénio 2000-2001 foi particularmente profícuo e apresentaram-se então diversas propostas e documentos de trabalho (*Acordo entre a Reitoria e as unidades orgânicas da UL para a adesão das bibliotecas ao SIBUL*, *Projecto SIBUL: Informação na UL*; *Ponto de Situação da Implementação do Sistema Aleph 500*, entre outros). Estes documentos contribuíram para a implementação do SIBUL. Desde então alguns grupos de trabalho foram ativados para fazer face às diversas questões (essencialmente técnicas) despoletadas pela implementação de uma rede cooperativa assente num catálogo comum.

A importância de perspetivar a nossa realidade atual é determinante, não só para os profissionais que diariamente desempenham as suas funções nas bibliotecas da Universidade de Lisboa, como para os alunos que realizam o seu percurso académico e para os docentes e investigadores, cujo desenvolvimento profissional poderá (ou deverá) ter nas bibliotecas uma parceria indiscutível e incontornável. As bibliotecas, enquanto repositórios e, fundamentalmente, portais de acesso à informação e ao conhecimento, são instrumentos privilegiados para fomentar o sucesso académico e a investigação e por consequência destes, o conhecimento, o crescimento e afirmação institucionais, a internacionalização e, em última análise, a sustentabilidade das Universidades. Os princípios de organização e gestão das Bibliotecas Académicas, propostos nos *Standards for Libraries in Higher Education* (ALA, 2011), assentam em linhas orientadoras para a prestação de serviços de qualidade e debruçam-se sobre valores profissionais, espaços, pessoal, gestão, coleções, pesquisas, papel educativo, eficácia institucional e relações externas. Alguns destes padrões são sem dúvida cumpridos pelas Bibliotecas da UL e inspiram-nos nesta análise e caracterização.

Dados Globais

As Bibliotecas da Universidade de Lisboa constituem um sistema comum e transversal à Universidade de Lisboa, que presta um serviço de proximidade à comunidade académica, através de uma presença contínua e afirmativa nas diversas unidades orgânicas.

Como referido na nota introdutória, foram consideradas **13 unidades** que assumem organicamente diversos formatos:

- 1 Departamento que inclui dois núcleos de serviços (RUL)
- 5 Divisões (FL, FBA, FC, FP-IE, FM)
- 7 Serviços (FF, FMD, FD, MUL, IGIDL, ICS, III)

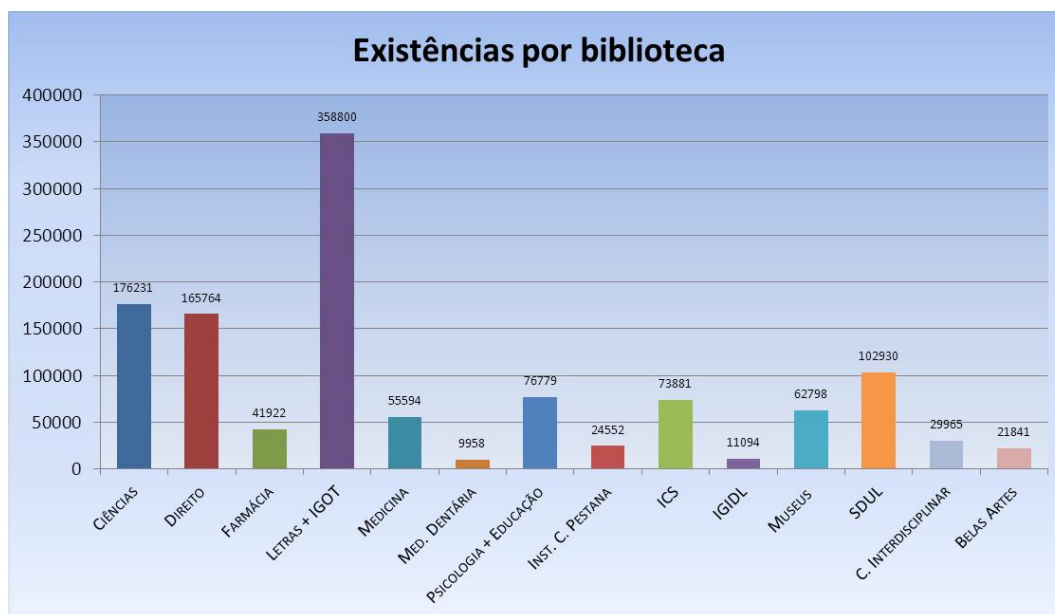
De referir que a cada uma destas unidades de informação corresponde uma unidade orgânica, à exceção da Biblioteca que serve a Faculdade de Psicologia e o Instituto de Educação, e da

Biblioteca da Faculdade de Letras, que alberga a documentação do IGOT, casos em que é prestado um serviço direto a duas unidades orgânicas.

A **estrutura e administração** da generalidade das bibliotecas está consolidada e não são esperadas alterações. Além do carácter administrativo e funcional assegurado pelos técnicos, existem algumas bibliotecas que são orientadas cientificamente e, em alguns casos, coordenadas por Professores Bibliotecários e ou por Conselhos de coordenação de Bibliotecas. Não obstante, a maioria possui uma autonomia considerável, reportando ao Secretário Coordenador ou diretamente ao Diretor da Unidade Orgânica. As bibliotecas não estão unificadas ou coordenadas por qualquer estrutura administrativa comum, respondendo com autonomia apenas relativamente às unidades orgânicas respetivas. O trabalho, a este nível, dos Serviços de Documentação da Reitoria, passa sobretudo por um acompanhamento técnico às unidades locais, a pedido, havendo uma certa indefinição de funções de orientação e/ ou coordenação e a consequente dificuldade na gestão de expectativas das várias partes envolvidas. Esta situação, gerada, em parte, por via da autonomia científica e pedagógica das diversas UO, torna, por vezes difícil uma comunicação aberta e mais complexa, ainda que exista uma cooperação efetiva por via da implementação de projetos comuns. Podemos questionar se estaremos, como conjunto, a cumprir os pressupostos emanados nos standards para as bibliotecas de ensino superior, relativamente à gestão das nossas bibliotecas: "*Libraries engage in continuous planning and assessment to inform resource allocation and to meet their mission effectively and efficiently*".

Em termos do **peçoal** afeto às bibliotecas, encontramos uma grande diversidade de realidades. Estas situam-se entre a maior equipa que se encontra a desempenhar funções numa mesma biblioteca, da Faculdade de Letras (19 técnicos, além de dezenas de colaboradores externos, como profissionais em out-sourcing, estagiários, bolseiros e voluntários) e as menores equipas, no Instituto para a Investigação Interdisciplinar e no Instituto Geofísico do Infante D. Luiz (1 pessoa em cada unidade). As assimetrias são significativas e é comum a referência à "falta de peçoal". Nas 13 bibliotecas (consideradas na sua totalidade) trabalham atualmente cerca de 100 pessoas, das quais 36 são Técnicos Superiores e 37 Assistentes Técnicos com formação BAD. Para além destas duas categorias (atualmente indiferenciadas das carreiras gerais), existem ainda técnicos superiores, assistentes técnicos e assistentes operacionais com formações diversas. De referir que as bibliotecas de maior dimensão contam igualmente com a colaboração de trabalhadores temporários, enquadrados por estágios, bolsas de mérito, voluntariado ou outros regimes. Estas colaborações são imprescindíveis para assegurar horários muito extensos e contínuos que, de outra forma não seria possível garantir. Poderemos igualmente questionar se estamos efetivamente a cumprir a recomendação acerca do peçoal nas bibliotecas universitárias: "Libraries provide sufficient number and quality of personnel to ensure excellence and to function successfully in an environment of continuous change" (ALA, 2011). Quanto às **coleções**, temos, no conjunto da Universidade, mais de 1.200.000 documentos físicos tratados e inseridos no catálogo comum. Para além destes documentos físicos, existem ainda milhares de documentos virtuais, adquiridos e disponibilizados pelas bibliotecas através de bases de dados especializadas, e documentos digitalizados acessíveis na Biblioteca Digital, bem como os resultados da produção científica da Universidade, disponíveis no Repositório.UL. Em termos de quantidade, diversidade, abrangência e pluridisciplinaridade das coleções, podemos pronunciar-nos positivamente, já que mais de um milhão e duzentos mil volumes físicos, que contemplam desde incunábulo a edições do ano 2012, complementados por dezenas de

milhares de artigos, resumos e outra documentação virtual, evidenciam só por si estas características. Afirma-se o cumprimento, em grande parte, dos *standards* internacionais que referem: “Libraries provide access to collections sufficient in quality, depth, diversity, format, and currency to support the research and teaching missions of the institution.”(ALA, 2011). Observe-se o quadro da distribuição dos documentos físicos por biblioteca:



Contudo, a gestão e desenvolvimento de coleções não se pauta apenas por indicadores quantitativos. A organização, tratamento técnico, condições de armazenamento e disponibilização são fundamentais para que o acesso à informação se efetue de forma eficaz e atempada aos utilizadores. Questões como o controlo das aquisições para evitar a multiplicação de exemplares e o desperdício; uma organização coerente, refletida e encarada como um todo ao nível da UL; a disponibilização *just in time* das novidades editoriais; o acondicionamento correto e adequado das espécies; a conservação e preservação digital de núcleos específicos de documentação; bem como, a montante, a isenção, equidade e liberdade na gestão das aquisições, devem ser critérios a seguir rigorosamente, com vista a cumprirmos efetivamente a missão de apoio ao ensino e à investigação.

As bibliotecas possuem, na generalidade dos casos, **espaços** adequados aos públicos servidos. Esta questão é de importância fundamental, uma vez que para propiciar a aprendizagem e a investigação há que reunir as condições físicas adequadas. Há aliás, uma recomendação neste sentido: “Libraries are the intellectual commons where users interact with ideas in both physical and virtual environments to expand learning and facilitate the creation of new knowledge” (ALA, 2011). Existem porém, situações cuja gestão dos espaços físicos é dificultada pela multiplicação de salas e compartimentos dispersos por zonas distintas no mesmo edifício (ou mesmo em edifícios diferentes), acusando uma certa falta de planeamento de médio e longo prazo ou a subsistência de divisões orgânico-funcionais extintas. Será importante uma reflexão mais aprofundada acerca dos espaços disponíveis, quer em cada unidade, quer na Universidade como um todo, designadamente procurando prever zonas de estudo e de leitura informal, espaços para trabalho técnico diferenciado dos espaços públicos e áreas para depósito e de

crescimento das coleções. A complexidade da gestão associada às bibliotecas departamentais e sub-bibliotecas, nomeadamente no caso da FC e dos Museus, faz antever a necessidade de perspetivar a adequação de espaços agregadores, com maior capacidade técnica, mas que trariam vantagens à otimização de recursos, com evidentes melhorias para a acessibilidade dos utilizadores.

Nos **serviços prestados aos utilizadores**, além dos espaços de leitura e consulta local, deverá ser tido em conta: “Libraries enable users to discover information in all formats through effective use of technology and organization of knowledge.” (ALA, 2011). A descoberta dos recursos só é possível se houver uma comunicação efetiva entre profissionais e público. Mas como atender a um universo potencial de perto de 24.000 alunos, 2000 docentes e investigadores e 1000 funcionários? De uma forma geral, tem sido possível devido à existência de estruturas de proximidade, em que a organização temática agrupa os interesses do público potencial nas bibliotecas das respetivas unidades orgânicas. Observemos os leitores inscritos por biblioteca,



De mencionar que os empréstimos contabilizados ao nível da UL se cifram, até 2011, nos 580.000. Um número impressionante, atendendo a que os empréstimos informatizados só se realizam de há menos de 10 anos.

A construção da ciência assenta no conhecimento prévio disponível. Tal torna incontornável o papel das bibliotecas em contexto universitário. Ao possibilitar a autoaprendizagem, a autoformação e educação contínuas, as bibliotecas assumem um papel determinante para o desenvolvimento das instituições educativas e dos indivíduos que delas fazem parte. Por isso, garantir a proximidade dos leitores e a consequente utilização dos recursos é um investimento necessário feito através da **formação dos utilizadores** na pesquisa e utilização de recursos. A maioria das bibliotecas assegura a formação dos seus utilizadores para além da formação no local, com uma participação (geralmente em início de ano letivo) nas salas de aula para explicar o funcionamento dos serviços e o acesso aos recursos eletrónicos. Algumas bibliotecas, como as dos SDUL (Reitoria), Letras, Psicologia e Educação, Farmácia ou Belas Artes, asseguram ainda formação mais específica, com propostas (por vezes modulares) direcionadas à inscrição livre dos leitores. Medicina conquistou já um espaço no currículo nos cursos de “Medicina baseada

na evidência”, garantindo a lecionação curricular de competências de informação nas ciências da saúde. Afirma-se assim, em parte das bibliotecas da UL, uma intervenção ao nível do apoio à aprendizagem, como preconizado internacionalmente: “Libraries partner in the educational mission of the institution to develop and support information-literate learners who can discover, access, and use information effectively for academic success, research, and lifelong learning.”(ALA,2011)

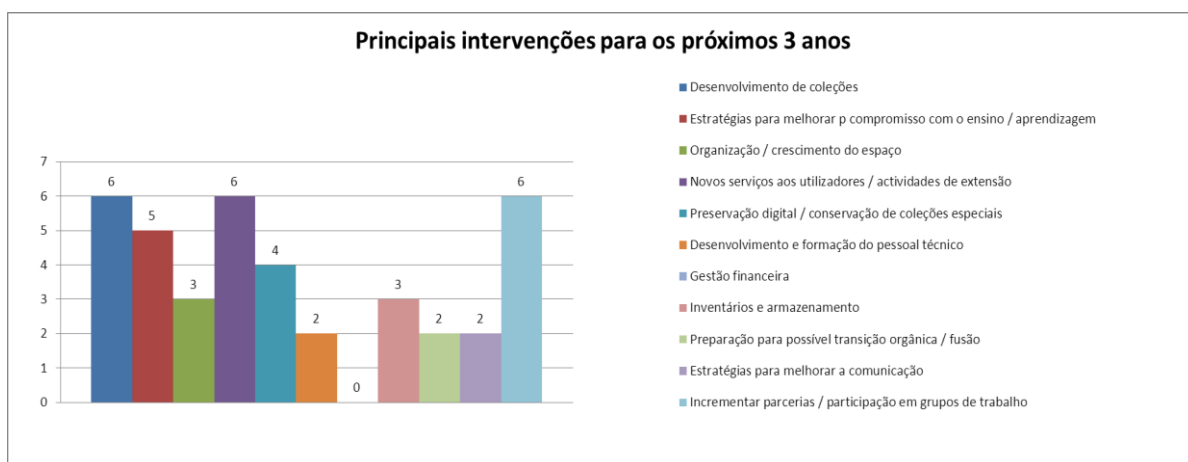
Relativamente ao **suporte à investigação**, as bibliotecas da UL encontram estratégias e atuações diversas. Nos projetos de investigação é frequente haver apoio às pesquisas e às aquisições que servirão de base ao desenvolvimento da investigação. Por outro lado, para dar visibilidade aos resultados conseguidos em consequência da investigação científica realizada, as bibliotecas referenciam os artigos de periódicos da autoria dos docentes e investigadores da UL (analíticos) no catálogo SIBUL, tornando-os mais facilmente pesquisáveis. Por outro lado, há um incentivo ao auto-arquivo da produção científica no Repositório institucional. De referir que a produção científica decorrente da finalização de graus académicos (teses, dissertações, relatórios, etc.) é inserida no Repositório institucional pelas diversas bibliotecas. Neste âmbito, de referir o trabalho que tem sido realizado, ao nível dos SDUL (Reitoria) para o levantamento da produção científica nos últimos 10 anos, dos docentes e investigadores de toda a UL.

No que concerne aos **instrumentos de medida e gestão da qualidade**, são visíveis as assimetrias entre as várias bibliotecas. Se temos, em Medicina, um sistema CAF implementado, com os instrumentos aplicados, evidências recolhidas, resultados obtidos na sequência de um processo contínuo e abrangente na unidade orgânica de que faz parte a biblioteca, na maior parte dos casos (não em todos) existe apenas um relatório anual de atividades. Ao nível global, revela-se alguma falta de sistematicidade na recolha de indicadores e de *accountability* dos serviços em termos qualitativos. Não obstante, tem havido a recolha de dados comuns quantitativos (estatísticas RUL). De sublinhar ainda que este reporte de cada UO, quando existe, não permite a comparação entre pares ou o *benchmarking*, uma vez que não tem havido comunicação sistemática destes resultados entre as bibliotecas. Outro aspeto a melhorar é a auscultação da satisfação dos utilizadores, já que apenas 4 bibliotecas têm implementado esta medida de gestão. O objetivo neste parâmetro é a procura da melhoria contínua, como também expresso pela ALA: “Libraries define, develop, and measure outcomes that contribute to institutional effectiveness and apply findings for purposes of continuous improvement.” (ALA, 2011). Relativamente às **áreas tecnológicas** aplicadas à documentação, as bibliotecas encontram-se bastante niveladas, já que o sistema que suporta e unifica todo o trabalho técnico é o mesmo. As vantagens mais evidentes de um sistema comum prendem-se com a obtenção de um catálogo comum de base federada, com a possibilidade de realização de pesquisas em todas as bibliotecas da UL. A atualização, apoio técnico e interação eventual dos elementos das diversas bibliotecas é facilitada. Não obstante, a circulação de leitores não é ainda um dado adquirido na generalidade das bibliotecas, havendo discrepâncias no tratamento dos alunos, docentes e investigadores de biblioteca para biblioteca, quando estes se apresentam fora da sua unidade de origem. Esta situação contribui para uma imagem de ineficiência e burocratização das bibliotecas da UL, o que do nosso ponto de vista deverá ser considerado como questão prioritária a resolver. Uma área que é também transversal relaciona-se com a possibilidade de realizar fotocópias e impressões em sistema de auto-utilização. Outros aspetos tecnológicos têm sido considerados particularmente, de acordo com as necessidades ou projetos implementados em cada UO, como a digitalização de núcleos de documentação, a introdução de links para texto

integral, a otimização dos sites institucionais (com acesso aos recursos eletrónicos) ou ainda a utilização de redes sociais para comunicar com a comunidade académica e não só.

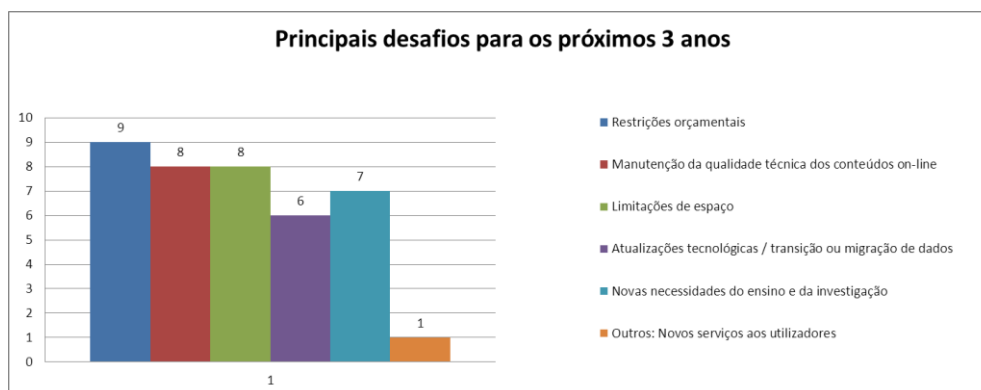
Na visita realizada a cada uma das bibliotecas, foi possível aferir que existem vários **projetos em curso**, nomeadamente a implementação nas UO do Auto-arquivo do repositório, o tratamento técnico de livro antigo, a melhoria da gestão das aquisições, a formação de utilizadores, a melhoria da comunicação e imagem, a integração de objetos digitais em plataforma nacional, a colaboração em permuta de edições, a formação à distância, a implementação de thesaurus de assuntos, o acolhimento de estagiários e outros, ainda em reflexão, para propostas futuras.

No âmbito deste trabalho foi questionado aos responsáveis em que áreas de trabalho gostariam que as bibliotecas realizassem intervenções, nos próximos três anos. Como se observa, os três tópicos escolhidos por mais bibliotecas foram o desenvolvimento de coleções; os novos serviços aos utilizadores / atividades de extensão; e incrementar parcerias / participação em grupos de trabalho.



Estes resultados mostram-nos que existem pontos em comum nas prioridades definidas pelos responsáveis das diversas bibliotecas. Um aspeto a sublinhar é a predisposição para a participação em grupos de trabalho, o que supõe um interesse idêntico em partilhar experiências e obter ganhos de escala através de uma efetiva cooperação entre pares.

Em relação aos principais desafios que são esperados para os próximos 3 anos, apontam-se nos três primeiros lugares: as restrições orçamentais; a manutenção da qualidade técnica dos conteúdos; e as limitações de espaço. Observe-se o gráfico:





Estas preocupações são comuns a bem mais de metade das bibliotecas inquiridas, revelando que efetivamente o contexto social, político e económico afeta as bibliotecas. Nos aspetos mais técnicos, também existe preocupação por manter a qualidade dos registos e dos conteúdos on-line, revelando a vontade de dar continuidade ao controlo e rigor da produção técnica interna, garantido a fiabilidade e confiança dos dados disponibilizados pelas bibliotecas. Por fim, um problema que tende a agravar-se que se estende por grande parte das unidades: a falta de espaço. As dificuldades em manter um equilíbrio entre a atualização e preservação de coleções e o conforto e ergonomia dos espaços de estudo torna a gestão deste assunto muito complexa, havendo necessidade de se encontrar soluções de médio e longo prazo.

Num capítulo que dedica à reflexão sobre o profissional das bibliotecas académicas, Eli M. Oboler (1977: 148) refere: “The *academic* quality of the academic librarian is related to his or her connection with his or her academy, his college, his university. The relation, to be truly appropriate, one would conjecture, must be not to behave – whether in an administrative or anchillary position - in such a manner as to be contrary to the goals and spirit of the institution where one works.” Esta mensagem encontra aqui um propósito: os bibliotecários e técnicos que trabalham diariamente nas bibliotecas estão conectados com a universidade. Partilham e praticam os ideais de acesso livre ao conhecimento de procura de saber, de liberdade de investigar. Todos sabemos que a nossa missão passa sobretudo por contribuir para melhorar os níveis de desempenho académico dos nossos alunos e para o sucesso dos docentes e investigadores que participam na construção desta instituição.

Conclusões e recomendações

No início deste trabalho sublinhou-se que o espírito da *I Convenção de funcionários da UL* assenta nas ideias de comunicação, partilha, conhecimento, interação e melhoria de práticas.

O desafio estará em estender estas ideias às bibliotecas e estabelecer e implementar formas de comunicação mais efetivas; procurar incrementar e otimizar o uso de plataformas tecnológicas associadas à informação; estabelecer mais e melhores procedimentos comuns; facilitar a circulação dos utilizadores e dos documentos pelo espaço da UL; refletir sobre os modelos de financiamento das bibliotecas; partilhar ideias sobre o processo de desenvolvimento de coleções; implementar formas de trocar saberes, experiências e recursos.

As propostas são o resultado da participação de todos os intervenientes, de uma reflexão que tive o privilégio de incentivar, da partilha e do encontro que foi possível estabelecer a pretexto da Convenção de Funcionários, mas que é afinal tão exequível dentro deste mundo que são as bibliotecas da UL.

Uma nota final para agradecer a prestimosa colaboração de todos os bibliotecários e técnicos que ajudaram na elaboração deste trabalho, pela sua disponibilidade e pelos seus importantes contributos, em particular a: Ana Cosmelli, António Manuel Freire, Cristina Domingues, Emília Clamote, Helena Saramago, Isabel Campos, Licínia Santos, Margarida Batista, Margarida Grão, Margarida Pino, Maria Leal, Maria do Carmo Mateus, Marta Nogueira, Paula Costa, Pedro Estácio e Sofia Soares.



Referências Bibliográficas

ALA (2011), *Standards for libraries in higher education*. Chicago: Association of College & Research Libraries. <http://www.ala.org/acrl/standards/standardslibraries> [acedido a 9 de Maio de 2012]

Erens, Bob (1996), *Modernizing research libraries: the effect of recent developments in university libraries on the research process*, London, Bower Saur

Grupo de Trabalho das Bibliotecas Universitárias da BAD (1992), *Bibliotecas universitárias : que presente? : que futuro?* Braga : [s.n.]

Grupo de Trabalho das Bibliotecas Universitárias da BAD (1993) “Bibliotecas universitárias portuguesas : problemas, perspectivas”, em *Cadernos BAD*, volume 3, pp.131-139

Harvard University (2009). *Report of the Task Force on University Libraries*. Massachusetts: Harvard University. [acedido a 3 de Maio de 2012]
http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic869036.files/Library_Task_Force_Report.pdf

Oboler, Eli M. (1977), *Ideas and the university library: essays of an unorthodox academic librarian*, London, Greenwood Press

Portugal. Comissão Ministerial para o estudo da situação actual e evolução futura das Bibliotecas Universitárias (1971), *Relatório da Comissão Ministerial para o estudo da situação actual e evolução futura das Bibliotecas Universitárias*, Lisboa